

Manaus, quarta-feira, 8 de novembro de 2000

a crítica CIDADES/POLÍCIA c7

Reuters - 19/abr/2000

COLONIZAÇÃO

Índios da fronteira perdem identidade

HÁBITOS ANTIGOS SE MISTURAM AOS MODERNOS E AMEAÇAM A CULTURA MILENAR DE IANOMÂMIS, TICUNAS E MAIORUNAS

BEATRIZ LECUMBERRI
DA AFP

TABATINGA, AM - Os filhos dos ianomâmis, ticunas ou maiorunas esquecerão um dia quem foram e também não têm certeza do que serão dentro de alguns anos: por comodidade, ingenuidade ou medo, os primeiros povoadores da Amazônia brasileira perderam sua identidade com a chegada de soldados, narcotraficantes, sacerdotes ou mineradores.

Nos 1,644 mil quilômetros de fronteira com a Colômbia vivem mais de 70 mil índios brasileiros. Alguns têm contato com o homem branco há mais de 300 anos, mas ainda há tribos em que não houve esta proximidade.

Na mesma comunidade, os índios mais velhos inalam poções que os fazem entrar em transe como os antepassados, enquanto que os jovens instalam antenas parabólicas para ver televisão, mas todos sofrem com a perda de sua cultura e a adoção de uma outra estranha, dizem os dirigen-

tes da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Perto de Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus), localidade brasileira que faz fronteira com Letícia, na Colômbia, os índios ticunas estão envolvidos numa onda de suicídios. Desde maio passado, 11 morreram enforcando-se ou tomando veneno, todos menores de idade, entre eles uma menina de 9 anos.

Os primeiros colonizadores desta região, a Igreja e o Exército, ofereceram ao índio a segurança da saúde e o alimento, mas fizeram desaparecer grande parte da essência desses povos.

Em São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros), localidade brasileira próxima à fronteira com a Colômbia e a Venezuela, os indígenas formaram em 1987 a Federação de Organizações Indígenas do Rio Negro. Com isto, pretendem recuperar sua cultura e defender-se das igrejas instaladas na região, dos engenheiros estrangeiros que lhes roubam os conhecimentos de seus ancestrais, dos mineradores que embebedam os homens e violentam as mulheres e do Exército, que não respeita suas reservas.

Nesta região vivem 430 comunidades indígenas de 22 etnias em mais de 700 aldeias. Os índios passeiam sem problemas entre Brasil, Colômbia e Venezuela. Para eles, a fronteira não existe e não representa nenhum obstáculo para cruzar a selva por caminhos que só eles conhecem e visitar suas famílias do outro país.



INVASÃO

Presença da civilização branca vem destruindo há anos os costumes tradicionais dos indígenas da Amazônia

Conflito militar coloca região em risco

A grande preocupação da Funai é demarcar as áreas indígenas da fronteira, tendo em vista uma possível "internacionalização" da região se houver um conflito militar na Colômbia nos próximos meses sob o argumento de acabar com as plantações de coca e a guerrilha.

Os dirigentes da fundação estão conscientes de que há índios que transportam droga, mas destacam que isto se deve ao contato com os brancos, que cria nos

índios necessidades que depois não podem ser supridas como o dinheiro ou o álcool.

Um representante da Funai na região que prefere não se identificar explica que os índios maiorunas, da fronteira entre Peru e Brasil, estão a serviço de narcotraficantes e cruzam a selva por terra ou por riachos carregando droga para evitar o controle da polícia brasileiras, saindo por uma parte baixa do rio, onde o caminho é livre até Manaus, a capital da

Amazônia brasileira. Ali, a droga é vendida ou transportada a outros países.

"Os maiorunas têm rádios, estão em contato com traficantes e sabem como livrar-se de qualquer controle policial, que finalmente resultam inúteis", explica.

Em outros pontos da fronteira com a Colômbia, os índios ganham uma miséria para transportar nas costas ou de canoa vários quilos de cocaína.

Apesar da perda de identidade,

o número de índios, que chega a 330 mil em todo o Brasil, aumenta progressivamente na fronteira com a Colômbia, já que a presença do Exército e de outras organizações e a comodidade que oferecem aos indígenas lhes faz deixar de serem nômades.

Militares brasileiros dizem que contam com os índios, que são bons soldados para o Exército e servem de guias no meio da selva, além de alertarem sobre a entrada de invasores no País.